Questão 1

O autor explica que há alguns anos a maioria das pessoas se tornou animais das cidades, passando grande parte de suas vidas entre quatro paredes/em lugares fechados, seja em suas casas, na casa dos amigos, no local de trabalho, restaurantes, etc., aumentando, com isso, seu tempo de exposição à comunidade invisível dos micro-organismos caseiros, fungos e bactérias que colonizam/vivem o/no interior das nossas casas.

Questão 2

Os estudiosos coletaram poeira em cerca de 1.200 lares/casas americano(a)s, cobrindo todo o território dos EUA. A cada vez a coleta era efetuada/realizada em dois lugares da casa: acima da porta de entrada, do lado de fora/exterior – a fim de determinar as espécies vindas de fora – e, no interior da casa, na parte superior da porta cômodo/compartimento principal da casa, onde as pessoas permanecem mais tempo/vivem. Os pesquisadores explicam que o lugar selecionado –- a parte superior das portas –, além de constituir um bom coletor passivo de poeira, é estatisticamente um dos lugares com menos chances de ser limpo e de entrar em contato direto com os ocupantes das residências.

Questão 3

Com a análise do ADN contido nas amostras, os cientistas tinham como objetivo determinar as espécies presentes e os fatores que influenciam a estrutura e a diversidade das comunidades fúngicas e bacterianas. O interesse principal da pesquisa era avaliar o papel da geografia e do clima local na formação dessas comunidades.

Considerar também como certa, se o candidato, além da primeira parte, acrescentar as informações abaixo:

Muitos outros parâmetros também foram integrados/incorporados, como a idade e o tamanho da habitação, a presença de um porão, o revestimento do chão/solo, a ventilação, o uso de inseticidas, o número de habitantes, a relação mulheres/homens, o número de quartos, de fumantes, de vegetarianos, de animais domésticos, de plantas de interior, as características do solo do lado de fora, a presença ou não de animais e a densidade populacional da comunidade.

Questão 4

Os cientistas catalogaram/relacionaram centenas de espécies e perceberam uma diversidade maior no interior das casas e dos apartamentos do que do lado de fora. Resultado previsível/lógico, porque o interior das residências acumula as espécies vindas de fora e as que vivem sobre o corpo e dentro do corpo dos animais (humanos, cães, gatos). Os autores do estudo determinaram, sem grande surpresa, que o clima era o fator que mais influenciava a composição das comunidades fúngicas; as espécies de fungos encontradas dentro das residências, essencialmente sob a forma de mofo, correspondiam ás do lado de fora; em compensação/ao contrário, a mesma concordância não ocorria no caso das bactérias. A influência dos habitantes (humanos e animais)se mostrou decisiva na estrutura dos grupos bacterianos, muito mais do que o clima exterior.

Questão 5

Ao final dessa exploração do microcosmo invisível e, por vezes, pouco atraente/agradável/apetitoso dos nossos domicílios/das nossas residências, os autores resumem seus resultados não sem uma ponta de humor: “Se você quiser mudar os tipos de fungos aos quais está exposto(a), então é melhor mudar de casa (e escolher uma bem afastada). Se quiser não mais estar exposto(a) às mesmas bactérias, então basta mudar as pessoas com quem você mora.